

PARECER

Tendo a Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) encaminhado à minha pessoa, enquanto professor e especialista em Produção Cinematográfica (com funções na mesma instituição) a vossa solicitação de um parecer sobre a Proposta de Lei n.º 69/XII, é com honra e prazer que respondo.

Após uma leitura cuidada da proposta, bem como dos contributos gerados ao longo da fase de discussão pública (para a qual também contribuí), emito o parecer que se segue.

A proposta possui forças e fraquezas que serão adiante explicadas.

Forças:

- Aumenta a quantidade de recursos destinados ao nobre propósito da legislação proposta.
- Diversifica as fontes destes mesmos recursos.
- Introduce um conjunto de responsabilidades e obrigações mais transversais ao sector.
- Afirma o cinema enquanto zona de valor cultural e económico.

Fraquezas:

- Cria algum desequilíbrio específico nas responsabilidades e obrigações das partes envolvidas sem resolver alguns desequilíbrios já existentes no passado.
- Não contempla mecanismos mais modernos (existentes noutros países) que poderiam contribuir de forma decisiva para um sector empresarial forte e dinâmico.
- Parece que continua a separar a Arte e o Comércio como se ambos não fossem os dois lados da mesma moeda.
- Parece continuar a centralizar no Estado a decisão e o financiamento do cinema sem procurar verdadeiramente incentivar uma progressiva independência deste face ao Estado.

No entanto, apesar das forças e fraquezas encontradas, reconheço que as futuras regulamentações que irão implementar a presente Proposta de Lei (dando-lhe aplicação concreta) serão muito mais cruciais para o futuro do nosso sector audiovisual. Nelas deposito enormes expectativas.

Assim sendo, darei o meu parecer passo a passo, conforme a Proposta de Lei, acrescentando no final o parecer final.

Proposta de Lei n.º 69/XII

Exposição de Motivos

A presente lei revê o regime jurídico aplicável aos apoios à arte cinematográfica e à produção audiovisual, assegurando a existência de um sistema de apoio ao sector do cinema e do audiovisual com bases sólidas ao nível das fontes de receita, e cujos programas estejam centrados não apenas na produção de obras, mas também no trabalho de criação das mesmas e na cadeia de valor que lhes é inerente, com o propósito de assegurar uma ampla divulgação, e de permitir ao público fruir da produção nacional e aos criadores e artistas alcançar reconhecimento e autonomia pela exploração económica do seu trabalho.

A intervenção legislativa neste sector justifica-se tendo em conta o seu potencial enquanto parte relevante das indústrias culturais e criativas, um sector que o Governo elegeu como prioritário por representar cerca de 3% do PIB, e, sobretudo, a sua relevância para a identidade cultural do país e para a expressão artística nacional, que é representada pela singularidade dos criadores nacionais.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

No entanto, há um pequeno reparo a fazer. A importância das indústrias criativas e culturais não se deve apenas aos criadores, mas também aos empreendedores/empresários que investem no sector. Neste sentido, proponho a seguinte redacção para o final:

A intervenção legislativa neste sector justifica-se tendo em conta o seu potencial enquanto parte relevante das indústrias culturais e criativas, um sector que o Governo elegeu como prioritário por representar cerca de 3% do PIB, e, sobretudo, a sua relevância para a identidade cultural do país e para a expressão artística nacional, que é representada pela singularidade dos criadores, empreendedores e empresários nacionais.

Continuando:

Na elaboração da presente lei, o Governo considerou, em função do levantamento de necessidades efetuado, quatro objetivos estratégicos: diversificar critérios de decisão, oportunidades e modalidades de financiamento, aproximar os valores do apoio à produção da média europeia e investir na qualidade, aproximar a quota de mercado do cinema português da média europeia, e investir na formação de públicos e na cadeia de divulgação e difusão das obras cinematográficas e audiovisuais, e incentivar a autonomia dos criadores portugueses pela exploração económica das suas obras, criando obrigações de investimento para os agentes económicos que protagonizam a cadeia de valor, e promovendo uma relação direta entre estes e o sector da produção independente nacional.

Ao nível da receita para atribuição de apoios ao sector do cinema e do audiovisual, investiu-se na diversificação das mesmas e na criação de um conjunto de obrigações de investimento direto, para reforçar os laços entre

criadores e produtores, e exibidores, difusores e distribuidores das obras cinematográficas e audiovisuais.

A publicidade comercial exibida nas salas de cinema, a comunicação comercial audiovisual difundida pelos operadores de televisão ou por qualquer meio transmitida pelos operadores de distribuição, a comunicação comercial audiovisual incluída nos serviços audiovisuais a pedido, bem como a publicidade incluída nos guias electrónicos de programação, qualquer que seja a plataforma de exibição, difusão ou transmissão, está sujeita a uma taxa, denominada taxa de exibição, que constitui encargo do anunciante, de 4% sobre o preço pago. Os operadores de serviços de televisão por subscrição contribuem com o pagamento de uma taxa anual, no valor de três euros e cinquenta cêntimos dos seus serviços que permita o acesso a serviços de programas televisivos, valor que se aplica no ano de entrada em vigor da lei, e que aumenta em cada ano 10% em relação ao valor do ano anterior, até atingir o valor de cinco euros por subscrição.

Na consignação das receitas provenientes das taxas, contempla-se a Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, I.P. (Cinemateca, I.P.) e o Instituto do Cinema e do Audiovisual, I.P. (ICA, I.P.), para dotar este organismo dos meios necessários à realização de investimentos na criação, produção e divulgação das obras nacionais. Da receita afeta ao ICA, I.P., 80% destina-se ao apoio à arte cinematográfica e 20% destina-se ao apoio à produção audiovisual e multimédia, percentagens que se ajustam anualmente em 5%, até atingir uma distribuição de 70% e 30%, respetivamente.

É ainda criada uma obrigação de investimento dos operadores de televisão no fomento e desenvolvimento da arte cinematográfica e do sector audiovisual. As obrigações diferem entre sector privado e sector público, tendo em conta o especial papel do serviço público de televisão no investimento em novos valores e na produção nacional. As obrigações de investimento direto são equivalentes a custos com a grelha de programação e podem ser cumpridas através do financiamento de trabalhos de escrita e desenvolvimento, produção, coprodução de obras criativas nacionais, ou na aquisição de direitos de difusão, transmissão ou disponibilização de obras criativas nacionais e europeias. O cumprimento das obrigações de investimento direto implica a difusão pelo operador de televisão da obra cinematográfica ou audiovisual, e são criados estímulos ao investimento em novos talentos e em produção cinematográfica.

Contemplam-se ainda obrigações de investimento direto para o sector da distribuição, para os operadores de serviços audiovisuais a pedido e para os exibidores, sendo criado um fundo para exibição de obras europeias, com uma quota mínima dedicada às obras nacionais.

O propósito principal das obrigações de investimento direto que se pretendem ver criadas é estimular o funcionamento do mercado da produção nacional de modo direto, aproximando a oferta da produção com a procura do público, e gerar valor subsequente, pela exploração económica dos direitos sobre as obras, colocando em rede a criação e a produção com

os sectores envolvidos na exploração económica e na divulgação pública da produção de obras cinematográficas e audiovisuais nacionais.

A presente proposta de lei lança as bases dos sistemas de apoio, prevendo um programa para o cinema, destinado a conceder incentivos financeiros à escrita e desenvolvimento, à produção, à coprodução, à exibição e à distribuição de obras cinematográficas nacionais, e um programa de apoio ao audiovisual e multimédia, com o objetivo de apoiar financeiramente o reforço do tecido empresarial da produção independente, e promover a transmissão televisiva e a fruição pelo público das obras criativas audiovisuais nacionais.

Adicionalmente, pretende-se dar enfoque à criação de um programa de apoio aos novos talentos e às primeiras obras, um aspecto inovador que visa apoiar financeiramente a renovação da arte cinematográfica e o reconhecimento dos novos criadores.

A presente iniciativa legislativa apresenta também medidas de incentivo à formação de novos públicos, através do apoio à exibição de cinema em festivais, circuitos de exibição em salas municipais, cineclubes e associações culturais de promoção da atividade cinematográfica, e de um projeto inovador, destinado a promover a literacia do público escolar para o cinema.

Por último, a internacionalização não é esquecida pela presente proposta de lei com o objetivo de apoiar o potencial de exportação das obras cinematográficas e audiovisuais nacionais, o Estado desenvolve medidas e parcerias destinadas a criar programas de capacitação empresarial, de apoio à divulgação e promoção internacional das obras nacionais e de promoção da rodagem de obras cinematográficas e audiovisuais nacionais e estrangeiras em território nacional.

A presente proposta de lei foi o resultado de um processo de trabalho pautado pela audição das entidades representativas do sector do cinema e do audiovisual, e bem assim das entidades responsáveis pelo pagamento das taxas e pelo cumprimento das obrigações de investimento previstas, e teve em conta os resultados da consulta pública conduzida.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Continuando.

Assim:

Nos termos da alínea *d*) do n.º 1 do artigo 197.º da Constituição, o Governo apresenta à Assembleia da República a seguinte proposta de lei:

CAPÍTULO I

Disposições gerais

Artigo 1.º

Objeto

A presente lei tem por objeto estabelecer os princípios de ação do Estado no quadro de fomento, desenvolvimento e proteção da arte do cinema e das atividades cinematográficas e audiovisuais.

Artigo 2.º

Definições

Para os efeitos da aplicação da presente lei e dos diplomas que a regulamentam, consideram-se:

- a) «Atividades cinematográficas e audiovisuais», o conjunto de processos e atos relacionados com a criação, incluindo a escrita e desenvolvimento, a interpretação e execução, a realização, a produção, a distribuição, a exibição, a difusão e a colocação à disposição do público, por fio ou sem fio, de modo a ser acessível a qualquer pessoa, a partir do local e no momento por ela escolhido, nomeadamente através de serviços audiovisuais a pedido, de obras cinematográficas e audiovisuais;
- b) «Comunicação comercial audiovisual», a apresentação de imagens, com ou sem som, destinada a promover, direta ou indiretamente, os produtos, os serviços ou a imagem de uma pessoa singular ou coletiva que exerce uma atividade económica, mediante o pagamento de uma retribuição, incluindo a publicidade, a televenda, o patrocínio e a colocação de produto;
- c) «Distribuidor», a pessoa singular ou coletiva, com domicílio, sede ou estabelecimento estável em Portugal, que tem por atividade a distribuição de obras cinematográficas e audiovisuais;
- d) «Distribuidor de videogramas», a pessoa coletiva com sede ou estabelecimento estável em Portugal, que tem por atividade principal a distribuição ou a edição e distribuição de videogramas;
- e) «Exibidor», a pessoa coletiva com sede ou estabelecimento estável em Portugal que tem por atividade principal a exibição em salas de obras cinematográficas, independentemente dos seus suportes originais;

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Continuando.

- f) «Obras audiovisuais», as criações intelectuais expressas por um conjunto de combinações de palavras, música, sons, textos escritos e imagens em movimento, fixadas em qualquer suporte, cujas características técnicas da produção final permitam a transmissão televisiva;
- g) «Obras cinematográficas», as criações intelectuais expressas por um conjunto de combinações de palavras, música, sons, textos escritos e imagens em movimento, fixadas em qualquer suporte, cujas

caraterísticas técnicas da produção final permitam a exibição em salas de cinema;

O meu parecer até este ponto é NEGATIVO.

Actualmente, vivemos num tempo de convergência tecnológica, onde Televisão e Cinema convergem para tecnologias cada vez mais próximas. Basta para tal verificar a enorme fluidez com a qual circulam, entre Cinema e Televisão, as tecnologias de câmara, som, pós-produção, etc.

Hoje já existe um conjunto significativo de obras que (noutros mercados mais desenvolvidos) circulam simultaneamente entre as salas de cinema e o Video on Demand (VOD) – sendo estas obras simultaneamente “obras audiovisuais” e “obras cinematográficas” segundo a definição proposta. Esta é, aliás, uma tendência crescente. A própria digitalização das salas de cinema (que tende a acabar com a utilização da película enquanto suporte “por excelência” do cinema) que aproxima os standards utilizados entre Televisão e Cinema demonstram esta convergência.

Deste ponto de vista, tentar manter separadas duas realidades que actualmente caminham para a convergência e para a flexibilidade das plataformas é lutar contra o futuro.

Neste sentido sugiro a seguinte definição:

f) «Obras audiovisuais», as criações intelectuais expressas por um conjunto de combinações de palavras, música, sons, textos escritos e imagens em movimento, fixadas em qualquer suporte, cujas caraterísticas técnicas da produção final permitam a exploração comercial em todas as plataformas conhecidas – incluindo: transmissão televisiva, home vídeo e salas de cinema – ou que venham a ser criadas.

O Cinema é uma parte integrante do audiovisual e não mais um universo separado. Deste ponto de vista, a definição (na proposta) de “Obras Cinematográficas” hoje já não consegue estar fora do Audiovisual enquanto classificação de base. É claro que este facto nem sempre se verificou na medida em que, tecnologicamente falando, Televisão e Cinema quase sempre estiveram separados. No entanto, os enormes avanços tecnológicos e mudanças significativas nas formas de consumo já tornam esta separação inviável, artificial e pouco prática.

Se esta Proposta de Lei pretende apoiar a renovação do cinema e o surgimento de novos talentos, é então fundamental que a legislação esteja sincronizada com a prática audiovisual actual e, se possível, com as tendências futuras.

Continuando.

- h) «Obra criativa», a produção cinematográfica ou audiovisual assente em elementos estruturados de criação, considerando-se como tal, longas e curtas-metragens de ficção e animação, documentários, telefilmes e séries televisivas e ainda, os programas didáticos, musicais, artísticos e culturais, desde que sejam criações originais, passíveis de proteção inicial pelo direito de autor em Portugal;
- i) «Obra de produção independente», a obra produzida por um produtor independente e que satisfaça cumulativamente os seguintes requisitos:
 - i - Detenção da titularidade dos direitos sobre a obra produzida pelo produtor independente, sendo que, em caso de coproduções entre produtores independentes e outros operadores, designadamente operadores de televisão, operadores de serviços audiovisuais a pedido ou distribuidores, a detenção da titularidade dos direitos é definida na proporção da respetiva participação no orçamento total da produção;
 - ii - Obra produzida com autonomia criativa e liberdade na forma de desenvolvimento, nomeadamente no que respeita à escolha dos estúdios, atores, meios e distribuição, sendo que, em caso de coproduções entre produtores independentes e outros operadores, designadamente operadores de televisão, operadores de serviços audiovisuais a pedido ou distribuidores, as decisões relativamente à produção sejam adotadas por acordo, tendo em vista a qualidade técnica e artística da obra;

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Faço, no entanto, a sugestão de uma pequena alteração no final:

ii - Obra produzida com autonomia criativa e liberdade na forma de desenvolvimento, nomeadamente no que respeita à escolha dos estúdios, atores, meios e distribuição, sendo que, em caso de coproduções entre produtores independentes e outros operadores, designadamente operadores de televisão, operadores de serviços audiovisuais a pedido ou distribuidores, as decisões relativamente à produção sejam adotadas por acordo, tendo em vista a qualidade técnica e artística da obra assim como o seu potencial comercial;

O potencial comercial das obras é um ponto sistematicamente negligenciado pelo cinema português que nem sequer o cita como mais um elemento de interesse, tendo em consideração o reconhecimento do audiovisual enquanto criador de riqueza – tal como formulado na Exposição de Motivos no início do texto da presente Proposta de Lei.

Continuando.

- j) «Obra europeia»:
 - i) A obra originária de Estados-Membros da União Europeia e a obra originária de Estados terceiros europeus que sejam parte na Convenção Europeia sobre a Televisão Transfronteiras do Conselho da Europa,

desde que não esteja sujeita a medidas discriminatórias nos países terceiros em questão, e que, sendo realizadas essencialmente com a participação de autores e trabalhadores residentes em um ou mais destes Estados, satisfaça uma das três condições seguintes:

- i) Ser produzida por um ou mais produtores estabelecidos em um ou vários desses Estados;
 - ii) A produção dessa obra seja supervisionada e efetivamente controlada por um ou mais produtores estabelecidos em um ou vários desses Estados;
 - iii) A contribuição dos coprodutores desses Estados para o custo total da coprodução seja maioritária e a coprodução não seja controlada por um ou mais produtores estabelecidos fora desses Estados;
 - iv) A obra coproduzida no âmbito de acordos referentes ao sector audiovisual celebrados entre a União Europeia e países terceiros e que cumpram as condições estabelecidas em cada um desses acordos, desde que não estejam sujeitas a medidas discriminatórias nos países terceiros em questão;
- l) «Obras equiparadas a obras europeias», as obras que não sendo obras europeias na acepção da alínea anterior, sejam produzidas ao abrigo de acordos bilaterais de coprodução celebrados entre Estados-Membros e países terceiros, sempre que caiba aos coprodutores da União a parte maioritária do custo total da sua produção e esta não seja controlada por um ou mais produtores estabelecidos fora do território dos Estados-Membros;
- m) «Obras nacionais», as obras cinematográficas e audiovisuais que reúnam os seguintes requisitos cumulativos:
- i) Um mínimo de 50% dos autores, designadamente, o realizador, o autor do argumento, o autor dos diálogos e o autor da banda sonora, de nacionalidade portuguesa ou de qualquer Estado Membro da União Europeia ou do Espaço Económico Europeu;
 - ii) Produção ou coprodução portuguesa, nos termos dos acordos internacionais que vinculam o Estado Português, dos acordos bilaterais de coprodução cinematográfica e da Convenção Europeia sobre Coprodução Cinematográfica e da demais legislação comunitária aplicável;
 - iii) Um mínimo de 75% das equipas técnicas de nacionalidade portuguesa ou de qualquer Estado Membro da União Europeia ou do Espaço Económico Europeu;
 - iv) Um mínimo de 75% dos protagonistas e dos papéis principais e secundários interpretados por atores portugueses ou nacionais de qualquer Estado Membro da União Europeia ou do Espaço Económico Europeu, salvo nos casos em que o argumento o não permita ou em caso de coproduções internacionais maioritárias;

- v) Possuam versão original em língua portuguesa, salvo exceções impostas pelo argumento;
- vi) No caso das obras de animação, os processos de produção devem ser integralmente realizados em território nacional, salvo exigências de coprodução ou de argumento, ainda que a pós-produção seja efetuada em qualquer Estado Membro da União Europeia ou do Espaço Económico Europeu;
- n) «Operador de distribuição», a pessoa coletiva responsável pela seleção e agregação de serviços de programas televisivos e pela sua disponibilização ao público em território nacional;
- o) «Operador de serviços audiovisuais a pedido», a pessoa singular ou coletiva responsável pela seleção e organização dos conteúdos dos serviços audiovisuais a pedido, sob a forma de catálogo, e pela sua disponibilização em território nacional;
- p) «Operador de serviços de televisão por subscrição», a pessoa coletiva que fornece, no território nacional, acesso a serviços de programas televisivos, através de qualquer plataforma, terminal ou tecnologia, mediante uma obrigação contratual condicionada a uma assinatura ou a qualquer outra forma de autorização prévia individual, que implique um pagamento por parte do utilizador final pela prestação do serviço, seja ele prestado numa oferta individual ou numa oferta agregada com outros serviços de comunicações electrónicas, independentemente do tipo de equipamento usado para usufruir dos serviços, e ainda que a oferta comercial global induza à interpretação de que o serviço de televisão é prestado gratuitamente;
- q) «Operador de televisão», a pessoa coletiva legalmente habilitada para o exercício da atividade de televisão em território nacional, responsável pela organização de serviços de programas televisivos;
- r) «Produtor independente», a pessoa coletiva cuja atividade principal consista na produção de obras cinematográficas ou audiovisuais, desde que se verifiquem cumulativamente os seguintes requisitos:
- i) Capital social não detido, direta ou indiretamente, em mais de 25 % por um operador de televisão ou em mais de 50% no caso de vários operadores de televisão;
 - ii) Limite anual de 90% de vendas para um único operador de televisão;
- s) «Serviço audiovisual a pedido ou serviço audiovisual não linear», a oferta ao público em geral de um catálogo de obras cinematográficas e audiovisuais, de programas e dos conteúdos em texto que os acompanham, designadamente legendagem e guias electrónicos de programação, selecionados e organizados sob responsabilidade de um operador de serviços audiovisuais a pedido, para visionamento de um utilizador, a pedido individual e num momento por este escolhido, por

meio de redes de comunicações electrónicas, tal como definido na Lei n.º 5/2004, de 10 de fevereiro, alterada pelos Decretos-Leis n.ºs 176/2007, de 8 de maio, e 258/2009, de 25 de setembro, e pelas Leis n.ºs 46/2011, de 24 de junho e 51/2011, de 13 de setembro, não se incluindo neste conceito:

- i) Qualquer forma de comunicação de carácter privado;
- ii) Conteúdos audiovisuais produzidos por utilizadores particulares para serem partilhados preferencialmente no âmbito de grupos com interesses comuns;
- iii) Versões electrónicas de jornais e revistas e conteúdos audiovisuais complementares.

O meu parecer até este ponto é **POSITIVO**.

Continuando.

Artigo 3.º

Princípios e objetivos

1 - No âmbito das matérias reguladas pela presente lei, o Estado deve orientar-se pelos seguintes princípios:

- a) Apoio à criação, produção, distribuição, exibição, difusão e promoção de obras cinematográficas e audiovisuais enquanto instrumentos de expressão da diversidade cultural, afirmação da identidade nacional, promoção da língua e valorização da imagem de Portugal no mundo, em especial no que respeita ao aprofundamento das relações com os países de língua oficial portuguesa;

O meu parecer até este ponto é **NEGATIVO**.

Sugiro uma pequena inclusão:

a) Apoio à criação, produção, distribuição, exibição, difusão e promoção de obras cinematográficas e audiovisuais enquanto instrumentos de expressão da diversidade cultural, afirmação da identidade nacional, promoção da língua, liberdade de expressão, criação de riqueza e valorização da imagem de Portugal no mundo, em especial no que respeita ao aprofundamento das relações com os países de língua oficial portuguesa;

A liberdade de expressão deve ser uma preocupação expressa. A criação de riqueza deve ser também uma preocupação tão digna e válida quanto todas as outras. A criação de riqueza não deixa de ser um dos pilares do próprio conceito de indústrias criativas e culturais. É ainda uma necessidade imperiosa no nosso contexto actual.

Continuando.

- b) Proteção e promoção da arte cinematográfica e, em particular, dos novos talentos e das primeiras obras;

- c) Adoção de medidas e programas de apoio que visem fomentar o desenvolvimento do tecido empresarial e do mercado de obras cinematográficas e audiovisuais, no respeito pelos princípios da transparência e imparcialidade, da concorrência, da liberdade de criação e de expressão e da diversidade cultural;
- d) Promoção da interação com os agentes dos sectores cinematográfico e audiovisual, da comunicação social, da educação e das telecomunicações;
- e) Promoção à conservação a longo prazo do património cinematográfico e audiovisual, através de medidas que garantam a sua preservação.

2 - No âmbito das matérias reguladas pela presente lei, o Estado prossegue os seguintes objetivos:

- a) Incentivo à criação, produção, distribuição, exibição, difusão e edição de obras cinematográficas e audiovisuais nacionais, nomeadamente através de medidas de apoio e de incentivo;
- b) Incentivo à qualidade, diversidade cultural, singularidade artística e viabilidade económica das obras cinematográficas e audiovisuais, em particular na atribuição de apoios, com vista à sua ampla divulgação e fruição do seu valor pelos criadores;
- c) Promoção da defesa dos direitos dos autores e dos produtores de obras cinematográficas e audiovisuais, bem como dos direitos dos artistas, intérpretes ou executantes das mesmas;
- d) Promoção da língua e da cultura portuguesas;
- e) Promoção da interação do sector da produção independente com os sectores da exibição, distribuição, teledifusão ou disponibilização de obras cinematográficas e audiovisuais;
- f) Incentivo à coprodução internacional, através da celebração de acordos bilaterais de reciprocidade e convenções internacionais;
- g) Aprofundamento da cooperação com os países de língua oficial portuguesa;
- h) Contribuição para o fortalecimento do tecido empresarial dos sectores cinematográfico e audiovisual através da criação de incentivos e de outras medidas de apoio, e em particular da promoção do investimento em pequenas e médias

empresas nacionais, com vista à criação de valor e de emprego;

- i) Incentivo à exibição, difusão, promoção, divulgação e exploração económica das obras cinematográficas e audiovisuais nacionais;
- j) Contribuição para a internacionalização das obras cinematográficas e audiovisuais, e para o reconhecimento nacional e internacional dos seus criadores, produtores, artistas intérpretes e equipas técnicas;
- l) Contribuição para a formação de públicos, nomeadamente através do apoio a festivais de cinema, cineclubes, circuitos de exibição em salas municipais e associações culturais de promoção da atividade cinematográfica e, em particular, através da promoção da literacia do público escolar para o cinema;
- m) Promoção da conservação do património cinematográfico e audiovisual nacional, existente em Portugal, valorização do mesmo e garantia da sua fruição pública de forma permanente;
- n) Promoção de medidas que garantam o acesso das pessoas com deficiência às obras cinematográficas e audiovisuais;
- o) Contribuição para o desenvolvimento do ensino artístico e da formação profissional nos sectores do cinema e do audiovisual.

3 - No âmbito das matérias reguladas pela presente lei, incumbe ao Estado:

- a) Definir e publicar anualmente a declaração de prioridades de apoio ao sector do cinema e do audiovisual, com base numa visão estratégica de investimento nas atividades cinematográficas e audiovisuais, nas necessidades de financiamento e nos recursos financeiros existentes;
- b) Assegurar a execução da política de apoio ao sector do cinema e do audiovisual com rigor e transparência;
- c) Assegurar a participação dos criadores e profissionais do sector, e das empresas que se dedicam a atividades cinematográficas e audiovisuais, na definição de prioridades e na execução das medidas de apoio;
- d) Promover e contribuir para a fruição pelo público das obras apoiadas pelo Estado.

4 - O Estado apoia o cinema europeu, no respeito pelas normas de direito internacional em vigor, nomeadamente, das que se encontram estabelecidas no quadro da União Europeia (UE), da Convenção Europeia sobre Coprodução Cinematográfica, da Convenção da Unesco para a Diversidade Cultural e dos tratados internacionais respeitantes à propriedade intelectual.

5 - Os apoios e medidas previstos na presente lei articulam-se com os sistemas de apoio e de incentivo consagrados nas normas de direito internacional e comunitário que vinculam o Estado Português.

O meu parecer até este ponto é **POSITIVO**.

Continuando.

Artigo 4.º

Conservação e acesso ao património

- 1- O Estado garante a preservação e a conservação a longo prazo das obras do património cinematográfico e audiovisual português ou existente em Portugal, o qual constitui parte integrante do património cultural do País.
- 2- O Estado promove o acesso público às obras que integram o património cinematográfico e audiovisual nacional para fins de investigação artística, histórica, científica e educativa, com respeito pelas regras de conservação patrimonial, salvaguardando os legítimos interesses dos titulares de direitos de autor e dos direitos conexos, bem como dos detentores de direitos patrimoniais ou comerciais.
- 3- O Estado assegura ainda a exibição e exposição públicas, segundo critérios museográficos, das obras cinematográficas e audiovisuais que integrem ou venham a integrar o seu património, em obediência ao direito dos cidadãos à fruição cultural.
- 4- O Estado promove o depósito, a preservação e o restauro do património cinematográfico e audiovisual nacional, bem como do património fílmico e audiovisual internacional mais representativo.
- 5- O Estado mantém uma coleção que procura incluir todos os filmes nacionais e equiparados, bem como filmes estrangeiros de reconhecida importância histórica e artística.
- 6- O Estado promove a componente museográfica do património fílmico e audiovisual.

O meu parecer até este ponto é **POSITIVO**.

Continuando.

Artigo 5.º

Depósito legal das obras cinematográficas e audiovisuais

O regime jurídico do depósito legal «das imagens em movimento», que abrange, nomeadamente, a definição do estatuto patrimonial daquelas imagens, a obrigatoriedade do depósito legal, a criação de condições para o investimento na preservação e conservação continuada e restauro e o acesso e consulta públicos, é estabelecido por diploma próprio.

O meu parecer até este ponto é **POSITIVO**.

Continuando.

CAPÍTULO II **Cinema e audiovisual**

SECÇÃO I **Apoio às atividades cinematográficas e audiovisuais**

Artigo 6.º **Programas de apoio**

1 - Com o objetivo de apoiar financeiramente a renovação da arte cinematográfica e o reconhecimento dos novos criadores, o Estado promove um programa de apoio aos novos talentos e às primeiras obras, destinado a conceder incentivos financeiros à escrita, ao desenvolvimento, à produção, à exibição e à distribuição de obras cinematográficas nacionais de autores de menos de duas obras cinematográficas ou audiovisuais.

2 - Com o objetivo de apoiar financeiramente a criação de obras cinematográficas de reconhecido valor cultural, o Estado promove um programa de apoio ao cinema, destinado a conceder incentivos financeiros à escrita, ao desenvolvimento, à produção, à coprodução, à exibição e à distribuição de obras cinematográficas nacionais.

3 - Com o objetivo de apoiar financeiramente o reforço do tecido empresarial da produção audiovisual independente e de promover a teledifusão e a fruição pelo público das obras criativas audiovisuais nacionais, o Estado promove um programa de apoio ao audiovisual e multimédia, destinado a conceder incentivos financeiros à escrita e desenvolvimento, à produção e à aquisição de direitos de teledifusão, transmissão ou colocação à disposição de obras criativas audiovisuais nacionais de produção independente.

O meu parecer até este ponto é **NEGATIVO**.

Sugiro uma ligeira alteração: a retirada de qualquer menção à escrita e ao desenvolvimento. Estes elementos devem fazer parte do apoio à produção na medida em que escrever/desenvolver são partes necessárias do processo de produção – não podendo ser separadas.

Ao longo de vários anos, o ICA promoveu concursos que tinham como objectivo subsidiar, em específico, a escrita de argumentos

cinematográficos. O resultado tem sido decepcionante na medida em que uma vasta parte destes argumentos nunca teve continuidade (porque o concurso os mantém fora do processo natural de produção).

A decisão de investir no desenvolvimento de um determinado projecto também está sujeita ao "custo de oportunidade". O custo de oportunidade (um conceito normalmente utilizado em Gestão e Economia) equivale, na prática, à impossibilidade de investir os mesmos recursos em dois investimentos não relacionados. Dito de outra forma: se decidimos aplicar 20% dos nossos recursos num projecto, isto significa que deixamos de dispor dos 100% originais. Este custo implica que outro projecto não relacionado que necessite dos 100% originais fica, à partida, inviabilizado por apenas dispormos de 80% do total de recursos necessários. Deste ponto de vista, a oportunidade de um pequeno investimento de 20% tem um custo: pode tornar os restantes 80% inúteis. O risco natural que implica pensar e avaliar o custo de oportunidade é uma das principais responsabilidades do produtor cinematográfico.

A decisão em investir num argumento em detrimento de outro deve sempre ser uma responsabilidade do produtor. O Estado não tem como substituí-lo, na medida em que apenas o produtor consegue avaliar as oportunidades e custos da totalidade de projectos que tem diante de si – e tomar decisões pelas quais somente ele é responsável. Deste ponto de vista, pagar a argumentistas ANTES da decisão do produtor em apoiar o projecto resulta em argumentos que são escritos no vazio.

Uma das funções cruciais do produtor cinematográfico é lutar pelos seus projectos e conseguir obter o melhor trabalho do argumentista. Deste ponto de vista, o Estado não deve apoiar argumentistas (no vazio), mas sim recompensar produtores que decidem bem e que investem nas decisões que tomam. Apoiar directamente os argumentistas é retirar do produtor uma responsabilidade crucial que é só dele. É isto que tem acontecido até hoje com os apoios à escrita de argumento – e o resultado é um conjunto de guiões que nunca chegam à fase de produção justamente pelo investimento nunca partir do próprio produtor.

O apoio ao argumento pode perfeitamente estar englobado no apoio à produção – quando os projectos que provam o seu valor. Partir do princípio que ele pode estar desligado da produção é um simples desperdício de meios.

A vontade do Estado em investir na escrita/desenvolvimento de projectos teria um impacto muito superior se estivesse localizada mais a frente, no apoio à formação – sob a forma de bolsas de estudo

para argumentistas que queiram tirar cursos de argumento no exterior, onde existem excelentes cursos.

Continuando.

4 - Com o objetivo de apoiar as atividades de exibição e distribuição de obras cinematográficas, o Estado adota medidas de incentivo financeiro à sua exibição e distribuição.

5 - Com o objetivo de apoiar a formação de públicos para o cinema, o Estado adota medidas de apoio à exibição de cinema em festivais e aos circuitos de exibição em salas municipais, cineclubes e associações culturais de promoção da atividade cinematográfica.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Continuando.

6 - Com o objetivo de promover a literacia do público escolar para o cinema, o Estado desenvolve um programa de formação de públicos nas escolas.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Continuando.

7 - Com o objetivo de apoiar a internacionalização e o potencial de exportação das obras cinematográficas e audiovisuais nacionais, o Estado desenvolve medidas e parcerias destinadas a criar programas de capacitação empresarial, para apoio à divulgação e promoção internacional das obras nacionais e promoção da rodagem de obras cinematográficas e audiovisuais nacionais e estrangeiras em território nacional.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO, embora o texto em si seja muito genérico. Este é mais um exemplo onde a implementação futura será muito mais delicada e merecedora de atenção do que a vontade expressa neste texto – que é fácil de perceber.

No entanto, estas poucas linhas estão no centro dos mecanismos de financiamento mais modernos que temos na Europa. A minha sugestão é que esta vontade evolua para um Portugal mais competitivo na sua relação com a produção estrangeira e com a captação de negócios.

Continuando.

8 - O Estado apoia ainda a atribuição de prémios que visam o reconhecimento público das obras e dos profissionais dos sectores do cinema e do audiovisual.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Continuando.

9 - Os programas de apoio previstos na presente lei têm a natureza de planos plurianuais legalmente aprovados, nos termos do artigo 25.º do Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de julho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 275-A/93, de 9 de agosto, pela Lei n.º 5-B/2004, de 30 de dezembro, e pelos Decretos-Leis n.ºs 113/95, de 25 de maio, 190/96, de 9 de outubro e 29-A/2011, de 1 de abril.

Artigo 7.º

Apoio financeiro

1 - Os apoios financeiros a atribuir no âmbito dos programas estabelecidos na presente lei possuem natureza não reembolsável, nos termos a definir em diploma regulamentar à presente lei.

O meu parecer até este ponto é NEGATIVO.

Sugiro uma formulação mais aberta:

1 - Os apoios financeiros a atribuir no âmbito dos programas estabelecidos na presente lei podem possuir natureza reembolsável e não reembolsável, nos termos a definir em diploma regulamentar à presente lei.

A natureza sempre não reembolsável é um problema na medida em que não obriga minimamente quer autores, quer produtores a lutar pela viabilidade das obras e pela sua relação com o público.

O objectivo supremo de qualquer ramo integrante das indústrias criativas não é a escolha entre obras de qualidade versus obras de valor comercial. O objectivo supremo é a convergência de ambas as coisas. Qualidade e viabilidade são indissociáveis. A qualidade sem viabilidade resulta no prestígio efémero de obras que são rapidamente esquecidas. É o amor continuado do público que eleva o prestígio à categoria de "clássico".

Deste ponto de vista, é necessário introduzir no sistema de financiamento a prática do reembolso ao financiador Estado – mesmo que estejamos a falar em montantes pequenos. É fundamental que produtores, realizadores e argumentistas trabalhem num ambiente de mínimo risco e responsabilização.

É muito importante que o Estado quebre com o hábito de financiamento sem contrapartidas financeiras mínimas que incentivem a viabilidade das obras e (mais importante) transmitam alguma segurança a possíveis financiadores e investidores fora da esfera do Estado.

A reformulação sugeria pelo texto permite ao Estado definir em regulamentação posterior exactamente quais os domínios mais frágeis onde o apoio pode ser não reembolsável (maior concentração de recursos) e os domínios menos frágeis onde pode haver reembolso (menor concentração de recurso).

Continuando.

2 - As regras de atribuição de apoios a obras cinematográficas e audiovisuais são estabelecidas em diploma regulamentar à presente lei, tendo em atenção os seguintes pressupostos:

- a) Garantia da igualdade de oportunidades dos interessados;
- b) Garantia do respeito pelos princípios da justiça, imparcialidade, colaboração e participação nos procedimentos de candidatura, seleção e decisão de atribuição de apoio;
- c) Estímulo da viabilidade económica do orçamento de produção, da fruição económica das obras pelos seus criadores e da viabilidade dos planos de promoção e divulgação das obras;
- d) Definição dos critérios técnicos de seleção como garantia de transparência no procedimento de atribuição de apoios e divulgação dos mesmos na página electrónica do organismo responsável pela atribuição de apoios;
- e) Divulgação pública dos montantes anuais de financiamento, de acordo com a declaração de prioridades e o orçamento aprovados, que têm em conta as necessidades de financiamento do sector e não podem exceder os recursos financeiros existentes;
- f) Garantia do apoio a primeiras obras e a obras de reconhecido valor cultural e artístico;
- g) Ponderação, nos programas plurianuais, do desenvolvimento sustentado da atividade dos produtores cinematográficos e audiovisuais, bem como da sua diversidade;
- h) Incentivo à produção de obras que contribuam para o aumento do interesse do público, também através da atribuição de apoios automáticos, com base nos resultados de bilheteira durante o período de exibição em sala, na receita de exploração, nas audiências ou em qualquer outro suporte que permita avaliar a adesão do público às referidas obras.

3 - Como contrapartida do apoio financeiro previsto no n.º 1, e sem prejuízo de outras contrapartidas que sejam estabelecidas ou acordadas, o organismo responsável pela atribuição dos apoios detém o direito de exibição não comercial das obras, para efeitos de promoção e divulgação do cinema português e da identidade cultural nacional, e bem assim no âmbito

de programas de formação do público escolar, salvaguardados os legítimos interesses dos titulares de direitos sobre as obras.

4 - O direito de exibição não comercial previsto no número anterior é atribuído ao organismo responsável pela atribuição de apoios nos dois anos após a primeira exibição, transmissão ou colocação à disposição da obra, devendo a sua utilização ser precedida de consulta aos titulares de direitos, os quais podem opor-se à mesma, com base em motivos objetivos devidamente fundamentados, que evidenciem o prejuízo económico concreto que a exibição não comercial possa gerar para a exploração económica da obra, cabendo ao mesmo organismo a decisão final sobre a matéria.

5 - Os direitos de exibição não comercial previstos nos n.ºs 3 e 4 são transferidos, pelo organismo responsável pela atribuição de apoios financeiros, para o organismo responsável pela conservação e salvaguarda do património cinematográfico nacional, cinco anos após a primeira exibição comercial da obra.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

No entanto, apenas a regulamentação posterior irá implementar estes pressupostos positivos. Anteriormente, a prática não tem sido tão simples. Necessitamos de respostas para problemas práticos que não possuem lugar neste parecer.

Continuando.

Artigo 8.º

Beneficiários

Podem beneficiar de financiamento e dos outros tipos de apoio previstos na presente lei os autores e produtores devidamente registados junto do organismo responsável pela atribuição de apoios, e bem assim os distribuidores e exibidores, para distribuição e exibição de obras nacionais, de obras europeias e de obras de cinematografias menos difundidas, nos termos previstos em diploma regulamentar à presente lei.

O meu parecer até este ponto é NEGATIVO.

Sugiro que se retire os autores enquanto possíveis beneficiários do financiamento previsto na Proposta.

Não é possível haver cinema sem produtores. A ausência de produtores fortes tem sido uma prática comum no nosso cinema e o resultado tem sido obras rejeitadas pelo mercado. A ausência de um produtor à partida é sempre um mal princípio e o sinal de um desenvolvimento deficiente – com raríssimas excepções. O actual sistema apenas exige um produtor após a vitória num concurso (que equivale a uma decisão de financiamento). O momento de entrada de um produtor não é irrelevante ao ponto de ser indiferente estar

situado antes ou depois do financiamento, na medida em que a sua entrada tardia diminui a sua intervenção no projecto.

O tecido empresarial no campo do cinema tem sofrido danos sistemáticos justamente por causa de produtores que nada mais são do que gestores de subsídios para cuja obtenção nada contribuíram. Isto enfraquece a relação necessária entre produtor e autor.

O cinema enquanto indústria criativa existe porque existe um equilíbrio relacional entre o produtor e o autor – onde o trabalho de ambos está na base do financiamento. Por oposição, temos o cinema artesanal, onde o autor (desligado do mercado) faz tudo. Ambos os modelos são possíveis quando constituem opções claras do produtor – e não um acidente que resulta da rejeição de um projecto pelo mercado (onde o produtor apenas chega tardiamente).

A quase totalidade dos autores de prestígio portugueses trabalha com produtores, mesmo quando optam por ir a concurso sem estes (com o objectivo questionável de manipular a pontuação final). Esta é mais uma fraqueza que deveria ser corrigida. Por outro lado, os projectos que de facto não possuem um produtor raramente demonstram na prática a sua viabilidade.

Continuando.

SECÇÃO II **Financiamento**

Artigo 9.º **Financiamento**

O Estado assegura o financiamento das medidas de incentivo e da atribuição de apoios com vista ao desenvolvimento da arte cinematográfica e do sector audiovisual, nos termos estabelecidos na presente lei e nos diplomas que a regulamentam, por meio da cobrança de taxas e do estabelecimento de obrigações de investimento.

Artigo 10.º **Taxas**

1 - A publicidade comercial exibida nas salas de cinema, a comunicação comercial audiovisual difundida ou transmitida pelos operadores de televisão ou, por qualquer meio, transmitida pelos operadores de distribuição, a comunicação comercial audiovisual incluída nos serviços audiovisuais a pedido, bem como a publicidade incluída nos guias electrónicos de programação, qualquer que seja a plataforma de exibição, difusão ou transmissão, está sujeita a uma taxa, denominada taxa de exibição, que constitui encargo do anunciante, de 4% sobre o preço pago.

2 - Os operadores de serviços de televisão por subscrição encontram-se sujeitos ao pagamento de uma taxa anual de três euros e cinquenta cêntimos por cada subscrição de acesso a serviços de televisão, a qual constitui um encargo dos operadores.

3 - À taxa referida no número anterior aplica-se, em cada ano civil, um aumento de 10% sobre o valor aplicável no ano anterior, até ao máximo de cinco euros.

4 - O valor anual da taxa prevista no n.º 2, devido por cada operador, é calculado com base no número médio de subscrições existentes no ano civil anterior, apurado de acordo com a informação constante dos relatórios trimestrais publicados pela ANACOM, por aplicação da seguinte fórmula:

$$VTA = \text{SNST} / 4 \times \text{taxa}$$

Em que

VTA é o valor da taxa anual devido por cada operador

SNST é a soma do número de subscrições constantes dos relatórios trimestrais publicados pela ANACOM relativos ao ano civil anterior ao da aplicação da taxa.

Artigo 11.º

Liquidação

1 - A taxa referida no n.º 1 do artigo anterior é liquidada pelas empresas prestadoras dos serviços, as quais são responsáveis pela entrega dos montantes liquidados.

2 - Sobre o valor das taxas referidas no artigo anterior não incide qualquer imposição de natureza fiscal ou de direitos de autor.

3 - A liquidação, cobrança e pagamento das taxas referidas no artigo anterior, bem como a respetiva fiscalização, são definidos por decreto-lei, aplicando-se subsidiariamente o disposto na Lei Geral Tributária e no Código do Procedimento e de Processo Tributário.

Artigo 12.º

Consignação de receitas

1 - As receitas provenientes da cobrança da taxa prevista no n.º 1 do artigo 10.º constituem:

- a) 3,2% receita do ICA, I.P.;
- b) 0,8% receita da Cinemateca, I.P.

2 - O produto da cobrança da taxa prevista no n.º 2 do artigo 10.º constitui receita própria do ICA, I.P.

3 - A consignação da receita do ICA, I.P., deduzidos os seus custos de funcionamento e os compromissos assumidos em quaisquer parcerias ou acordos celebrados no âmbito das suas atribuições, é alocada tendo em

atenção as seguintes prioridades, em conformidade com a declaração de prioridades e com o orçamento anual:

- a) 80% destina-se ao apoio à arte cinematográfica;
- b) 20% destina-se ao apoio à produção audiovisual e multimédia.

4 - A percentagem prevista na alínea *b)* do número anterior será aumentada em cada ano civil em 5% até ao limite máximo de 30%, mediante a verificação do grau de execução financeira dos concursos do programa de apoio ao audiovisual e multimédia e do número de espectadores das obras apoiadas, tal como definidos em diploma regulamentar à presente lei.

O meu parecer até este ponto é NEGATIVO.

Desconheço qualquer estudo que explique de forma clara e isenta as seguintes questões:

- a) Qual é o real impacto de mais uma taxa (somada a todas as outras) sobre os operadores em causa?
- b) Qual é o critério ou pressuposto que está na base da repartição de 80% para o apoio à arte cinematográfica e apenas 20% para o apoio à produção audiovisual e multimédia? A fronteira entre ambos é cada vez mais frágil.
- c) Num cenário em que a Televisão perde espaço para outras formas de entretenimento e publicidade que fogem à taxação, como é possível prever a sustentabilidade do sistema (em si assente em taxas)?
- d) Existem noutros países formas menos onerosas de financiar o cinema – com enorme sucesso. Ora, tendo em conta a ambição patente nesta Proposta, que estudo existe que mostre a superioridade do nosso sistema face aos outros sistemas existentes na Europa? Ao fim de décadas de financiamento público ao cinema, chegamos a quotas de mercado de 1%. Antes de investir no mesmo sistema, não deveríamos dele retirar algumas lições?
- e) Por que motivo não podemos ter um financiamento mais voluntário e menos imposto?
- f) O que será feito da experiência (em alguns casos positiva, noutros negativa) obtida com o FICA? E o que será feito daquele mecanismo – que era mais ágil, melhor preparado do que o ICA, que conseguiu produzir algumas obras de sucesso em termos de público e cujo colapso teve a ver com factores alheios à gestão interna?

É um facto que a presente Proposta de Lei consegue dar uma solução à falta de financiamento do cinema português. No entanto, este meu parecer negativo (neste ponto do documento) está relacionado apenas com a ausência de uma reflexão séria, livre de preconceitos ideológicos, mitos e lugares comuns; e com a ausência de uma solução para práticas que formas de pensar que, noutros domínios da vida do nosso país, mostraram-se desastrosas.

Continuando.

Artigo 13.º

Investimento dos operadores de televisão no fomento e desenvolvimento da arte cinematográfica e do sector audiovisual

1 - Sem prejuízo de outras obrigações previstas na lei, os operadores de televisão que incluam na programação de qualquer dos seus serviços de programas longas e curtas-metragens, telefilmes e séries televisivas, incluindo os géneros de ficção e animação, participam na produção cinematográfica e audiovisual através de obrigações de investimento anual no financiamento de trabalhos de escrita e desenvolvimento, produção e coprodução de obras criativas nacionais, ou na aquisição de direitos de difusão, transmissão e disponibilização de obras criativas nacionais e europeias, nos termos definidos nos números seguintes.

2 - A obrigação de investimento prevista no número anterior, aplicável aos operadores de televisão privados, equivale a uma quantia correspondente a 0,75% das receitas anuais provenientes da comunicação comercial audiovisual dos serviços de programas televisivos do operador de televisão considerados no número anterior, acrescendo 0,25% em cada ano civil após a entrada em vigor da presente lei, até ao limite de 1,50%.

3 - A obrigação de investimento prevista no n.º 1, aplicável ao operador de serviço público de televisão, equivale a uma quantia correspondente a 8% das receitas anuais provenientes da contribuição para o audiovisual, criada pela Lei n.º 30/2003, de 22 de agosto, alterada pelos Decretos-Leis n.ºs 169-A/2005, de 3 de outubro, e 230/2007, de 14 de junho, excluída da receita destinada exclusivamente ao serviço de rádio.

4 - Em caso de alienação de um dos canais do operador de serviço público de televisão, ficando apenas afeta a este operador a exploração de um canal de acesso não condicionado a subscrição de serviços de televisão por subscrição, a percentagem prevista no número anterior passa a ser de 5%.

5 - O cumprimento das obrigações de investimento direto previstas nos números anteriores é feito através do investimento direto em obras cinematográficas e em obras criativas audiovisuais nacionais de produção independente, nas modalidades previstas no n.º 1, e implica a transmissão da obra pelo operador de televisão, em qualquer dos seus canais.

6 - Incumbe ao ICA, I.P., em colaboração com a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), verificar o cumprimento das obrigações de investimento direto previstas nos números anteriores, devendo os operadores de televisão fornecer relatórios trimestrais que indiquem o título da obra, a identificação do produtor independente e dos demais titulares de direitos de autor e conexos sobre a mesma, o horário de difusão da mesma e a quantia aplicada nas modalidades previstas no n.º 1.

7 - O cumprimento das obrigações de investimento direto previstas nos números anteriores, através da produção ou coprodução de obras cinematográficas nacionais em montante não inferior a 50% do orçamento total e da sua transmissão pelo operador de televisão posterior à exibição em sala, confere o direito à contabilização da quantia afeta por um coeficiente de 1,5.

8 - O cumprimento das obrigações de investimento direto previstas nos números anteriores, através da produção ou coprodução em montante não inferior a 50% do orçamento total, de obras criativas audiovisuais nacionais, que sejam primeiras obras dos respetivos autores, e da sua transmissão pelo operador de televisão, confere o direito à contabilização da quantia afeta por um coeficiente de 1,5.

9 - Os montantes previstos nos n.ºs 2 e 3 que, em cada ano civil, não forem afetos ao investimento direto nos termos do n.º 1 são entregues, por cada operador de televisão, ao ICA, I.P., em janeiro do ano seguinte, constituindo receita própria deste organismo.

Ficam excluídos das obrigações de investimento previstas no presente artigo os operadores de televisão cujos serviços de programas incluam exclusivamente obras de natureza pornográfica.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO se, ao contrário do que argumentam os operadores, não ficar demonstrado o impacto destrutivo que a presente Proposta de Lei terá nos mesmos.

Continuando.

Artigo 14.º

Investimento do sector da distribuição na produção cinematográfica e audiovisual

1 - A participação dos distribuidores na produção cinematográfica e audiovisual é assegurada através do investimento anual em obras cinematográficas nacionais de um montante não inferior ao equivalente a 3% das receitas provenientes da atividade de distribuição de obras cinematográficas no ano anterior, percentagem que pode ser revista, anualmente, através de diploma próprio.

2 - O investimento dos distribuidores na produção de obras cinematográficas e audiovisuais pode assumir as seguintes modalidades:

- a) Participação na montagem financeira de filme, como cofinanciador, sem envolvimento na produção;
- b) Participação na produção do filme, como coprodutor;
- c) Adiantamentos à produção, sob a forma de mínimos de garantia;
- d) Aquisição de direitos de distribuição de obras cinematográficas nacionais;
- e) Restauro e masterização de películas de obras apoiadas e de outras obras nacionais, desde que sejam entregues duas cópias à Cinemateca, I.P.

3 - O investimento da distribuição na produção cinematográfica e audiovisual é igualmente assegurado pela participação dos distribuidores de videogramas, através do investimento anual na aquisição de direitos para edição ou distribuição em videograma de obras cinematográficas nacionais, em montante não inferior ao equivalente a 1% das receitas resultantes do exercício da atividade de distribuição de videogramas no ano anterior, que pode também ser cumprido através das modalidades previstas no número anterior.

4 - O disposto nos números anteriores não abrange as atividades de aluguer ou troca de videogramas.

5 - A distribuição em videograma de obras cinematográficas nacionais produzidas com apoios do Estado fica isenta do pagamento da taxa de autenticação prevista em diploma próprio.

6 - Os montantes previstos nos n.ºs 1 e 3 que, em cada ano civil, não sejam afetos ao investimento são entregues, por cada distribuidor, ao ICA, I.P., em janeiro do ano seguinte, constituindo receita própria deste organismo.

O meu parecer até este ponto é **POSITIVO**.

Continuando.

Artigo 15.º

Investimento dos operadores de serviços audiovisuais a pedido

1 - A participação dos operadores de serviços audiovisuais a pedido na produção cinematográfica e audiovisual é assegurada através do investimento anual em obras cinematográficas nacionais de um montante não inferior ao equivalente a 1% das receitas provenientes das atividades de serviços audiovisuais a pedido que mantenham, percentagem que pode ser anualmente revista através de diploma próprio.

2 - O investimento previsto no número anterior pode assumir as seguintes modalidades:

- a) Participação na montagem financeira de filme, como cofinanciador, sem envolvimento na produção;
- b) Participação na produção do filme, como coprodutor;
- c) Adiantamentos à produção, sob a forma de mínimos de garantia;
- d) Aquisição de direitos de distribuição de obras cinematográficas nacionais.

O meu parecer até este ponto é **POSITIVO**.

Continuando.

3 - A participação dos operadores de serviços audiovisuais a pedido é ainda assegurada através da criação, nas respetivas plataformas tecnológicas, de uma área dedicada às obras nacionais, onde sejam disponibilizadas todas as

obras apoiadas e, bem assim, outras obras de produção nacional, mediante solicitação dos respetivos distribuidores ou dos titulares de direitos, para efeitos de aluguer ou venda das obras, em condições que atribuam aos titulares de direitos sobre as mesmas uma percentagem não inferior a 50% das receitas obtidas.

O meu parecer até este ponto é **POSITIVO**.

Continuando.

4 - Os montantes previstos no n.º 1 que, em cada ano civil, não forem afetos ao investimento são entregues, por cada operador, ao ICA, I.P., em janeiro do ano seguinte, constituindo receita própria deste organismo.

O meu parecer até este ponto é **POSITIVO**.

Continuando.

Artigo 16.º

Investimento dos exibidores

1 - Os exibidores cinematográficos devem reter 7,5% da importância do preço da venda ao público dos bilhetes de cinema.

2 - A verba proveniente da retenção referida no número anterior é aplicada da seguinte forma:

- a) 5% destinam-se exclusivamente ao fomento da exibição cinematográfica e à manutenção da sala geradora da receita, constituindo receita gerida pelo exibidor e com expressão contabilística própria;
- b) 2,5% destinam-se a assegurar a exibição de obras cinematográficas europeias, devendo uma percentagem mínima de 25% desse valor ser aplicado na exibição de obras nacionais apoiadas, e na realização de investimentos em equipamentos para a exibição digital, nas salas que não disponham dos mesmos, constituindo receita gerida pelo exibidor com expressão contabilística própria.

3 - O remanescente da receita prevista na alínea *b)* do número anterior é aplicado na aquisição de direitos e em quaisquer quantias devidas pelo exibidor ao distribuidor da obra cinematográfica.

4 - A exibição de obras cinematográficas apoiadas pelo ICA, I.P., ou de obras nacionais não apoiadas que sejam primeiras obras atribui o direito à contabilização da quantia afeta por um coeficiente de 1,5.

5 - A percentagem estabelecida no n.º 1 não pode ser considerada para o cômputo das receitas da exibição de filmes, sem prejuízo do cumprimento das obrigações fiscais que sobre as mesmas incidam.

6 - Os montantes referidos na alínea *b)* do n.º 2 que não sejam afetos às finalidades previstas, no ano civil da retenção ou ano seguinte, são

entregues, por cada exibidor, ao ICA, I.P., em janeiro do ano seguinte, constituindo receita própria deste organismo.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Continuando.

SECÇÃO III

Da distribuição, exibição e difusão cinematográfica e audiovisual

Artigo 17.º

Acesso aos mercados da distribuição, exibição e difusão

1 - O Estado adota medidas de apoio à distribuição, exibição e promoção das obras cinematográficas nos mercados nacional e internacional, nomeadamente através de incentivos à exibição de obras cinematográficas nacionais, nomeadamente das apoiadas, ou de obras europeias em salas municipais e da criação de medidas que favoreçam a associação entre os produtores e distribuidores nacionais.

2 - A atribuição de apoios tem em consideração a necessidade de ampla fruição das obras cinematográficas nacionais pelo público, em especial nas localidades com menor acesso a salas de cinema, nomeadamente através do fomento dos circuitos de exibição em salas municipais, cineclubes e associações culturais de promoção da atividade cinematográfica, e a aplicação de medidas que garantam o acesso às referidas obras pelas pessoas com deficiência.

3 - O Estado adota medidas de apoio aos exibidores cinematográficos que tenham uma programação maioritária ou regular de obras cinematográficas nacionais e europeias, incluindo longas-metragens, documentários, curtas-metragens e cinema de animação, e que desenvolvam a sua atividade em circuitos de exibição alternativos.

4 - Para os efeitos do número anterior, consideram-se exibições em circuitos de exibição alternativos, as que se realizem fora do circuito normal de exploração comercial de recintos de cinema, designadamente:

- a) As sessões organizadas em salas municipais;
- b) As sessões organizadas por entidades públicas, associações culturais, cineclubes, escolas e entidades sem fins lucrativos;
- c) As sessões organizadas no âmbito de festivais;
- d) As sessões realizadas por autores ou produtores da obra em circuitos de, pelo menos, cinco exibições em cinco salas de diferentes concelhos do país.

5 - O Estado adota medidas que incentivem a colaboração entre as autarquias locais e os exibidores cinematográficos, com o objetivo de criar e recuperar recintos de cinema, em especial nos concelhos onde não exista uma atividade de exibição regular.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Continuando.

Artigo 18.º

Licença de distribuição

1 - A distribuição, incluindo a venda, aluguer e comodato, de obras cinematográficas destinadas à exploração comercial depende de prévia emissão de licença e classificação etária.

2 - Pela licença referida no número anterior é devido o pagamento, pelo distribuidor, de uma taxa, que constitui receita da entidade emissora.

3 - As obras apoiadas estão isentas do pagamento das taxas de distribuição e de autenticação.

4 - Os filmes nacionais com exibição inicial em menos de seis salas estão isentos do pagamento da taxa de distribuição.

5 - A determinação do valor, as formas de liquidação, a cobrança e a fiscalização dos montantes a arrecadar com a taxa de distribuição são reguladas em diploma próprio.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Continuando.

Artigo 19.º

Controlo de bilheteiras

O controlo de bilheteiras é efetuado pelo sistema de gestão e controlo de bilheteiras que permite a receção e tratamento da informação relativa à emissão de bilhetes, e respetiva divulgação, nos termos legalmente permitidos, de modo a garantir o efetivo controlo de receitas e a informação relativa ao período de exibição de cada filme e ao número de espectadores, nos termos do diploma próprio que o regulamenta.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Continuando.

CAPÍTULO III

Do ensino artístico, formação profissional e literacia do público escolar

Artigo 20.º

Ensino artístico e formação profissional

1 - O Estado atribui apoios à formação profissional e incentiva o ensino das artes cinematográficas e audiovisuais no sistema educativo, nas áreas de projetos específicos, investigação e desenvolvimento (I&D), inovação na produção e difusão cinematográficas e do direito de autor e dos direitos

conexos, com o objetivo de estimular, aprofundar e diversificar a formação contínua dos profissionais dos setores do cinema e do audiovisual.

2 - Os apoios previstos no número anterior são assegurados através da celebração de protocolos entre os organismos responsáveis e as entidades que promovam o ensino e a formação profissional nas áreas das profissões criativas e técnicas do setor cinematográfico e audiovisual.

3 - O Estado promove a participação das instituições públicas e privadas e dos profissionais portugueses em parcerias e projetos internacionais na área da formação em artes cinematográficas e audiovisuais.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

A questão acerca do apoio aos profissionais do sector poderia estar inscrita aqui. Como já referi anteriormente, o apoio directo à escrita de argumentos deveria ser substituída por bolsas de estudo para argumentistas. Este tipo de apoio à formação poderia ser alargado a todos os sectores da actividade: imagem, distribuição, efeitos visuais, etc.

Acompanhar e apoiar a formação dos nossos profissionais (formação ao longo da vida) é um investimento muito melhor do que o apoio directo noutros trabalhos cujo impacto é mínimo.

Continuando.

Artigo 21.º

Formação de público escolar

O Estado promove um programa de literacia para o cinema junto do público escolar para a divulgação de obras cinematográficas de importância histórica e, em particular, das longas-metragens, curtas-metragens, documentários e filmes de animação de produção nacional.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO com a seguinte advertência: não há pior serviço prestado ao cinema português do que obrigar um determinado público a ver as obras erradas no momento errado. A relação do público infantil com as imagens em movimento é diferente da relação, por exemplo, com a Literatura (esta obrigatória nos currículos escolares) – logo, pode ser um erro grave achar-se que está-se a criar público apenas pelo facto de obrigar um determinado grupo de pessoas (neste caso crianças e jovens) a ver cinema nacional. Em alguns casos, o efeito pode ser exactamente o oposto: um divórcio ainda maior entre jovens que já sabem bem aquilo que desejam ver (antes mesmo de qualquer contacto com a Literatura) e obras que não foram feitas a pensar nelas. São duas realidades distintas. Despertar para a leitura crianças que nunca leram é totalmente diferente de mostrar filmes para crianças que (antes mesmo de dominarem a leitura) já possuem os seus programas de televisão favoritos.

A minha recomendação vai ao encontro de um alargamento do universo cinematográfico a ser mostrado – baseado em obras europeias (aqui as portuguesas estão incluídas) adequadas às faixas etárias em causa.

Enquanto criança, tive a sorte de estudar num colégio que possuía uma sala de cinema. Em sessões no colégio, tive o privilégio de ver clássicos do cinema infantil como o célebre “Le Ballon Rouge” (1956) de Albert Lamorisse.

O cuidado na condução de uma política de educação cinematográfica nas escolas merece cuidado na medida em que estamos a tratar com futuros consumidores – cuja relação futura com o cinema português pode estar em causa se exibimos os filmes errados.

A minha recomendação é que o Estado procure a ajuda de especialistas e olhe para a prática de outros países.

Continuando.

CAPÍTULO IV

Registo e inscrição

SECÇÃO I

Do registo das obras cinematográficas e audiovisuais

Artigo 22.º

Finalidade do registo

O Estado organiza o registo das obras cinematográficas e audiovisuais, tendo em vista a segurança do comércio jurídico.

Artigo 23.º

Objeto do registo

1 - Estão sujeitas a registo as obras cinematográficas e audiovisuais, qualquer que seja o seu género, formato, suporte e duração, produzidas, distribuídas ou exibidas em território nacional.

2 - O Estado promove o registo de todas as obras apoiadas financeiramente e produzidas desde a entrada em vigor da Lei n.º 7/71, de 7 de dezembro, alterada pelos Decretos-Leis n.ºs 279/85, de 19 de julho, e 350/93, de 7 de outubro, até à instituição efetiva do registo.

3 - As regras a observar no registo são definidas em diploma regulamentar à presente lei.

SECÇÃO II

Do registo de empresas cinematográficas e audiovisuais

Artigo 24.º

Registo de empresas cinematográficas e audiovisuais

1 - O Estado assegura um registo de empresas cinematográficas e audiovisuais regularmente constituídas, para efeitos da atribuição dos apoios e do cumprimento das obrigações previstos na presente lei.

2 - O registo referido no número anterior é obrigatório para todas as pessoas singulares ou coletivas com sede ou estabelecimento estável no território nacional que tenham por atividade comercial a produção, a distribuição e a exibição, bem como os laboratórios e estúdios de rodagem, dobragem e legendagem e as empresas de equipamento e meios técnicos.

3 - O regime jurídico do registo é definido em diploma regulamentar à presente lei.

CAPÍTULO V

Disposições finais e transitórias

Artigo 25.º

Norma transitória

1 - Mantém-se em vigor até à aprovação do diploma regulamentar da presente lei o disposto no Decreto-Lei n.º 227/2006, de 15 de novembro, em tudo o que não contrarie o disposto no presente diploma.

2 - Os artigos 23.º, 24.º, 25.º e 26.º da Lei n.º 42/2004, de 18 de agosto, e os artigos 63.º a 82.º do Decreto-Lei n.º 227/2006, de 15 de novembro, mantêm-se em vigor até à integral liquidação do Fundo de Investimento para o Cinema e Audiovisual, designadamente, para enquadrar o cumprimento das obrigações previstas nos contratos de investimento plurianuais que se vençam até à entrada em vigor da presente lei.

3 - No ano de 2012, a taxa prevista no n.º 2 do artigo 10.º é devida por inteiro, com base no número de subscrições evidenciado no relatório publicado pela ANACOM relativo ao 3.º trimestre de 2012.

Artigo 26.º

Norma revogatória

É revogada a Lei n.º 42/2004, de 18 de agosto, e todas as normas legais que contrariem o disposto na presente lei.

O meu parecer até este ponto é POSITIVO.

Conclusões:

Esta é a Proposta de Lei que está sobre a mesa – e não outra.

Neste sentido, e como necessitamos de uma Lei, o meu PARECER FINAL é POSITIVO.

No entanto, enquanto especialista na matéria, docente e profissional do sector sinto que esta Proposta de Lei poderia ter ido mais longe e poderia ter sido mais ambiciosa.